Os Sinais e a Glória:
[O Livro dos Sinais – Jo 2.1–12.50]:
O quinto sinal: O mar se torna caminho

> **Falar e ouvir são transitórios e fugazes [...].** [...] Ao contrário da escrita, **o discurso em andamento é em geral incorrigível.** Mortimer J. Adler. *Como Falar, Como Ouvir*, p., 16.

Saudação e leitura do texto

Vamos abrir a Palavra de Deus em João 6.16-21. Vamos ler juntos.

16 Ao **descambar o dia**, os seus discípulos desceram para o mar. 17 E, tomando um barco, passaram para o outro lado, rumo a Cafarnaum. **Já se fazia escuro**, e Jesus ainda não viera ter com eles. 18 E o mar começava a empolar-se, agitado por vento rijo que soprava.

19 Tendo navegado uns vinte e cinco a trinta estádios, eis que viram **Jesus andando por sobre o mar**, aproximando-se do barco; e ficaram **possuídos de temor**. 20 Mas Jesus lhes disse: Sou eu. Não temais! 21 Então, eles, **de bom grado, o receberam**, e **logo o barco chegou ao seu destino**. *João* 6.16-21.

Pregado na IPB Rio Preto, em 04/02/2018 (19h30).

Introdução

Desde esta manhã, estou afirmando que o capítulo seis do Evangelho de João não é um álbum de recortes. Há um único ensino predominante aqui; **cada parte se encaixa para formar uma única doutrina: Deus nos dá pão**.

Eu sei que tal declaração — Deus nos dá pão — não parece muito empolgante.

É importante, porém, destacar que este é o capítulo mais longo do Evangelho de João — exatamente o capítulo que nos fala de pão. Devíamos compreender que o Espírito Santo tem um bom motivo para fazer o escritor bíblico investir tanto espaço registrando o que consta aqui.

Sendo assim, convido você a olhar para **João 6.16-21**, como **continuação de um único e mesmo teste**, iniciado em **João 6.6**: Jesus "dizia isto para o experimentar [tanto experimentar ou testar Filipe, mas também os demais discípulos e também a nós]; porque **ele bem sabia o que estava para fazer** [isso inclui tanto o quarto sinal do Evangelho de João, de multiplicação dos pães, quanto o quinto sinal, de tornar o mar um caminho]".

Por incrível que pareça — e se Deus quiser entenderemos isso plenamente depois dos dois próximos sermões — até este quinto sinal, de Jesus andando sobre o mar, ensina a mesma doutrina, que Deus nos dá pão.

Porque no fim das contas, o pão é o sustento material, como dito no sermão desta manhã, e também o pão é a Palavra de Jesus, como aprenderemos nas próximas mensagens.

Trocando em miúdos, até aqui, no meio do mar da Galileia, Jesus está dando pão aos seus discípulos, pois ele está dando a eles sua Palavra.

A maneira como isso é trazido a nós é digna de atenção. João 6.16-21 contém duas cenas dramáticas, que falam aos primeiros leitores deste Evangelho e também a nós. Na primeira cena nós encontramos os discípulos...

I Sozinhos, no escuro, em um mar agitado

Os v. 16-19 apresentam os discípulos sozinhos, no escuro, em um mar agitado.

Quando eu digo sozinhos, entendamos que eles estavam juntos uns dos outros. Contavam com aquilo que podemos chamar de "camaradagem" humana.

Mas a camaradagem humana; os vínculos fraternais ou sociais, com outras pessoas, ainda que valiosos, são insuficientes.

Milhares ou mesmo milhões de amigos nas redes sociais; uma agenda semanal abarrotada de compromissos; mesmo a participação em uma agremiação excelente, como a igreja — essas coisas ainda não resolvem o problema relacional humano mais fundamental.

Eles estavam juntos, mas Jesus não estava com eles.

O texto fala do "**descambar" do dia** (v. 16a), ou, como lemos em outra tradução, "quando se fez tarde" (BV1). "Os [...] discípulos **desceram para o mar**" (v. 16b).

O discípulos "tomaram um barco" e "passaram para o outro lado, rumo a Cafarnaum" (v. v. 17a).

Lemos que "**já se fazia escuro**, e Jesus ainda não viera ter com eles" (v. 17b). Para piorar, "o mar começava a empolar-se, agitado por vento rijo que soprava" (v. 18), ou, como encontramos em outra versão, "soprava um vento forte, o mar tinha ficado revolto" (BV1).

Eu já disse isso quando preguei sobre o Evangelho de Marcos. **Os judeus dos tempos bíblicos (e também os ortodoxos, hoje), têm uma relação com o mar muito diferente da nossa**.

Tanto é que **isso que é denominado Mar da Galileia é, de fato, um grande lago** — quilométrico e agitado por vento forte, ao ponto de formar ondas gigantescas e perigosas.

O **litoral oeste da Palestina — a faixa litorânea do Mediterrâneo** —, sempre foi habitado pelos pagãos, tanto nos tempos do AT, quanto nos tempos do NT.

Os judeus ortodoxos até diziam que o Espírito Santo não inspirava profetas que morassem naquela faixa litorânea.

Nós, porém, somos brasileiros. Gostamos de mar. Ao pensar em "descanso", imediatamente vislumbramos uma rede estendida entre duas palmeiras, sob sombra e diante do mar. Nos organizamos para, nas férias, desfrutar de dias hospedados à beira-mar.

Para o judeu dos tempos bíblicos o mar é aterrorizante; nas "muitas águas" **habitam as forças do mal** (como lemos em Ct 8.7).

Haverá um dia em que o mal será eliminado do universo. **Naquela ocasião, o mar não existirá mais**, como lemos em Apocalipse 21.1-2:

> Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e **o mar já não existe** (Ap 21.1-2).

É nesse sentido que os discípulos estão sozinhos, no escuro, e em um mar agitado.

E **a situação se complicou porque eles se viram longe da margem**.

Levados pelo mau tempo, eles navegaram "uns **vinte e cinco a trinta estádios**" (v. 19a), ou seja, "**cinco ou seis quilômetros**" (NVI); **algo semelhante a**

daqui até a residência do Presb. Moysés.

O que acontece quando estamos sozinhos, no escuro e em um mar agitado? Nós corremos o risco de pensar, sentir e agir errado.

E **quando nós pensamos, sentimos e agimos errado, não conseguimos discernir o próprio Senhor Jesus, que vem ao nosso encontro em mar revolto**: "eis que viram **Jesus andando por sobre o mar**, aproximando-se do barco; e ficaram **possuídos de temor**" (v. 19b).

Devemos olhar mais de perto para esta expressão, "possuídos de temor", no v. 19. Aqui a ARA traduz melhor do que a ARC ("e temeram").

O verbo no original (*phobeō*), deriva de um substantivo (*phobos*), de onde vem a palavra em português "fobia".

Este vocábulo aponta para "**um estado de angústia severa**, suscitado pela **intensa preocupação por dor iminente**, **perigo**, **maldade** etc. ou possivelmente pela **ilusão de tais circunstâncias**".[1]]

É por isso que o termo é às vezes entendido como "medo de ter medo". Você entende a que eu estou me referindo? Medo de ter medo?

Pavor intenso. O medo chegando como se fosse um espírito mau, daí a ótima tradução da ARA: Medo que nos possui; que aperta nosso cérebro com suas patas de dragão; que nos tira o sono; que nos faz imaginar ou projetar apenas o pior...

E que parece razoável, afinal de contas, tudo está escuro! E o mar — revolto! E a margem — inalcançável! E Jesus — não veio ter conosco!

Jesus, porém, VEM! Ei-lo ao nosso lado. Nós descemos para o mar, e ele desceu do monte. Nós fomos arrastados para longe de tudo, mas

[1] LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene Albert. *Greek-English Lexicon of the New Testament: Based on Semantic Domains*. New York: United Bible Societies, 1996, #25.251, φόβος, p. 315.

Jesus veio até nós!

Mas este **é o problema da alma inquieta**. A alma inquieta **pensa errado**. A alma inquieta **sente errado**. E a alma inquieta **age errado**.

A alma inquieta tem dificuldade de discernir Jesus próximo, presente.

Só há uma coisa que acalmar a alma inquieta.

Somente uma coisa pode clarear a visão da alma inquieta.

Somente uma coisa pode expulsar o temor inquietante da alma inquieta.

Isso nos conduz à segunda cena. E nesta, encontramos os discípulos...

II Libertos do medo e resgatados do mar pela pessoa e pela palavra de Jesus

20 Mas Jesus lhes disse: SOU EU. Não temais!

21 Então, eles, **de bom grado** [*thelō*; "de boa mente"; ARC ou "com prazer"; NTLH e ainda, "com alegria"; NAA]**, o receberam** [*lambanō*; o mesmo verbo de 1.12: "Mas, a todos quantos o **receberam**, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome;"], e **logo** ["'De imediato o barco chegou junto da margem'. [...] Se o barco estava a uma distância de 25 ou trinta estádios da terra, o chegar 'de imediato' à margem tem de ser visto como algo de sobrenatural".[2]] **o barco chegou ao seu destino**. *João* 6.16-21.

Os versículos finais da narrativa (v. 20-21) mudam tudo. No v. 20 nós encontramos: "Mas Jesus lhes disse: SOU EU. Não temais!"

Um estudioso nos informa de que, "em grego", a resposta de Jesus não é "sou eu". No original nosso Senhor responde: "EU SOU (*egō eimi*). A afirmação laipidar 'Eu Sou' é característica de Jesus no Evangelho de João (como se verá a partir de 6.35)".[3]

EU SOU é o nome sagrado de Deus no AT. É o nome que o próprio Deus revelou a Moisés em Êxodo 3.14. É esse nome que consta na *Bíblia Hebraica*, toda vez que você encontra a palavra SENHOR, no AT, todo em maiúscula ou versalete.

O ponto é o seguinte. Os discípulos estavam tomados ou "possuídos de temor". Eles estavam pensando errado, sentido errado e agindo errado. Eles estavam sob teste. E este teste tem três etapas — a primeira é ver e compreender que Jesus multiplica o pão pela Palavra (v. 1-15). A segunda etapa do teste é acreditar em Jesus e na Palavra de Jesus, mesmo cercados por trevas e tumulto. A segunda etapa do teste é acolher Jesus e sua Palavra, ainda que mortos de medo.

O chamado aqui consiste, primeiro, em **atinar, no fundo da alma, para quem é Jesus. Quem ele é?**

De certo modo, João 6.16-21 atualiza Isaías 43.16: "Assim diz o SENHOR, o que outrora **preparou um caminho no mar e nas águas impetuosas, uma vereda**".

---

[2] *Bíblia, Volume 1: Novo Testamento: Os Quatro Evangelhos: Tradução do Grego, Apresentação e Notas Por Frederico Lourenço* [BÍBLIAV1]. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 349.
[3] *Bíblia, Volume 1: Novo Testamento: Os Quatro Evangelhos: Tradução do Grego, Apresentação e Notas Por Frederico Lourenço* [BÍBLIAV1]. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 348.

Jesus é o Deus EU SOU. O Deus do Pacto, fidelíssimo às suas alianças. Aquele que, como ouvimos no culto de sexta-feira, afirmou em Isaías 43.2a: "**Quando passares pelas águas, eu serei contigo; quando, pelos rios, eles não te submergirão** [...]".

Jesus é **aquele que dá o pão** (Jo 6.1-15).

E Jesus é aquele que **governa sobre o mar, porque o mar é dele**. Não há tumulto nas águas que fuja à sua soberania. Como lemos em Salmos 29.3, **não existe som de trovão que não seja, em última instância, uma repercussão da voz de Deus**.

A noite pode se fazer escura.

As ondas, gigantescas e inescapáveis.

Podemos nos sentir ameaçados e até enlaçados pelo mal, como aconteceu com os discípulos, ou como ocorreu, antes, com o autor do Salmo 116.3-6:

> 3 Laços de morte me cercaram, e angústias do inferno se apoderaram de mim; caí em tribulação e tristeza. 4 Então, invoquei o nome do SENHOR: ó SENHOR, livra-me a alma. 5 Compassivo e justo é o SENHOR; o nosso Deus é misericordioso. 6 O SENHOR vela pelos simples; achava-me prostrado, e ele me salvou.

Tudo foi criado por ele (Jo 1.1-3). E a vida e luz estão nele (Jo 1.4). E "a luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram [nem prevalecem] contra ela" (Jo 1.5).

Como é isso na prática? Olhemos para **o quinto sinal do Evangelho de João: Cristo transforma o mar em caminho**.

Nos próximos sermões eu explicarei que **esta experiência no mar tem relação com outro importante evento que aconteceu na primeira Páscoa dos judeus**. Por ora, basta que entendamos que **João 6 está se reportando à libertação realizada e garantida pelo Cordeiro Pascal!**

Mas **libertação do quê?**

Da confusão da mente. Do pensar errado, do sentir errado e do agir errado.

E o que liberta a mente? O que liberta a alma? Somente a Palavra de Jesus: "**SOU EU. Não temais!**" (v. 20).

E **o que cabe a nós, diante de Jesus e sua Palavra?** Simples. Cabe a nós receber corretamente a Palavra de Jesus: "Então, eles, **de bom grado o receberam**" (v. 21a).

A expressão "**de bom grado**" traduz uma palavra (*thelō*) que tanto pode ser entendida como "**de boa mente**" (ARC), como "**com prazer**" (NTLH) ou ainda, "**com alegria**" (NAA).

O interessante aqui é a mudança psicológica dos discípulos.

A Palavra de Jesus produziu uma mudança tão significativa neles, que a mente deles mudou de um estado de terror para outro de bem-estar ou de alegria.

A mente deles estava ruim e, por conseguinte, amedrontada; agora está boa e, por isso mesmo, pacificada e feliz.

E **o que os discípulos fizeram, depois que suas mentes foram alcançadas pela Palavra de Jesus?** Eles "**o receberam" — e aqui temos** o mesmo verbo (*lambanō*) de 1.12: "Mas, a todos quantos o **receberam**, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome".

E **o que aconteceu depois que os discípulos receberam Jesus de bom grado?**

Aqui está a segunda parte do quinto sinal.

Talvez você pense que o milagre seja apenas o de Jesus caminhar sobre o mar, mas não se trata apenas disso.

Eis o que consta no v. 21b: "[...] e **logo o barco chegou ao seu destino**".

Um estudioso que traduz o texto diz nos ajuda a entender que "Se o barco estava a uma distância de 25 ou trinta estádios da terra, o chegar 'de imediato' à margem **tem de ser visto como algo de sobrenatural**".[4]

Relembrando, eles estavam a cinco ou seis quilômetros da margem. Num abrir e piscar de olhos eles "chegaram ao destino" — a segunda parte do quinto sinal.

A escuridão não assustava mais. O mar revolto ficou para trás. Eles não estavam mais sozinhos. Nem tinham mais medo. E agora, tendo "recebido" Jesus de "bom grado", eles foram assegurados de "seu destino".

E assim termina a segunda cena — e daqui caminhamos para a conclusão deste sermão.

Concluindo...

Qual o elemento comum entre o quarto e o quinto sinais? A Palavra de Jesus. A palavra que multiplica o pão. A palavra que transforma o mar em caminho.

Eu creio que este evento é aquilo que alguns estudiosos chamam de antecipação escatológica — uma espécie de amostra, hoje, daquilo que nós desfrutaremos na eternidade com Cristo.

Isso é assim porque a Escritura aponta para aquele dia, o "fim dos tempos" (Mt 28.20; NAA), quando **os crentes adorarão a Deus pisando no mar**.

Pois existe um "mar de vidro, mesclado de fogo", diante do Trono de Deus — um mar cujo fundo pode ser visto, e que não oferece mais ameaça aos servos de Deus, como lemos em Apocalipse 15.2-4:

> 2 Vi como que um mar de vidro, mesclado de fogo, e os vencedores da besta, da sua imagem e do número do seu nome, que se achavam em pé no mar de vidro, tendo harpas de Deus; 3 e entoavam o **cântico de Moisés**, servo de Deus, e o **cântico do Cordeiro**, dizendo: Grandes e admiráveis são as tuas obras, Senhor Deus, Todo-Poderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei das nações! 4 Quem não temerá e não glorificará o teu nome, ó Senhor? Pois só tu és santo; por isso, todas as

[4] *Bíblia, Volume 1: Novo Testamento: Os Quatro Evangelhos: Tradução do Grego, Apresentação e Notas Por Frederico Lourenço* [BÍBLIAV1]. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 349.

nações virão e adorarão diante de ti, porque os teus atos de justiça se fizeram manifestos.

Ah! Se o Espírito de Deus nos levasse a contemplar, ainda que seja, um vislumbre daquele dia! Nossa solidão, o escuro que nos cerca, as ondas que nos jogam de lá para cá e vice-versa, toda inquietação e toda imperfeição — **quão pequenas pareceriam essas coisas diante da vinda do Cordeiro, com poder e muita glória!**

Do que nos fala a mesa da Ceia do Senhor? **De vivermos hoje, aqui, consolados e firmados naquilo que acontecerá lá, no fim dos tempos**, como consta em Mateus 26.29: "E digo-vos que, desta hora em diante, não beberei deste fruto da videira, até aquele dia em que **o hei de beber, novo, convosco no reino de meu Pai**". E ainda Paulo, em 1Coríntios 11.26: "Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, **até que ele venha**".

É para isso que trabalhamos em missões: Para que, naquele dia, pessoas de todos os povos e nações o adorem.

E é para isso que nos reunimos como igreja: Para, na comunhão dos santos, sermos santificados para aquele dia, quando o adoraremos.

E é para isso que hoje elegemos oficiais: Para que estes sejam agentes do governo de Deus, e modelos de serviço a Deus, para que sejamos providos e aperfeiçoados para adorar a Deus naquele dia em que haverá "um só rebanho e um só Pastor" (cf. Jo 10.16; NVI).

Nós podemos pensar em nossa carência de Pão. Ou em nossos temores mais profundos. Tudo isso deve ser posto diante de Jesus. Ele não é qualquer um. Ele é EU SOU. Que possamos acolher sua Palavra de bom grado e assim, participar do pão e do cálice, certos de que nosso Senhor Jesus Cristo nos garantirá a chegada em nosso destino.

Amém. Vamos orar.